

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America. 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



D. MANUEL CORREIA DE BASTOS PINA
BISPO-CONDE DE COIMBRA

SUMMARIO

Texto

D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo-Conde de Coimbra.

Chronica quinzenal, por P.

Secção piedosa: Indica'lor religioso; Evangelho; Dia de finados e a minha crença, por Dona M. M.

Litteratura: Em uma noite de Almas, lenda, por A. M. de M.

Varia: O clero catholico e a sciencia, por C. N. Secção social-christã: O «Boerenbond» belga, por Pius.

Secção poetica: Saudade, poesia, pelo Dr. A. J. d'Almeida C. e Lemos Ferreira; Desenganos, poesia, por P.; Dia de finados, poesia, pelo Dr. J. R. Cosgaya.

Retrospecto da Quinzena.

Bibliographia.

Gravuras

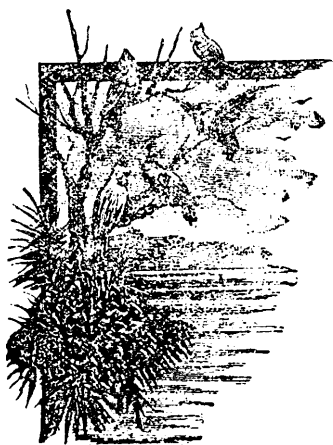
D. Manoel Correia de Bastos Pina.

Universidade de Coimbra.

Tarde d'outomno.

D. MANUEL CORREIA DE BASTOS PINA

Bispo-Conde de Coimbra



Eis, emfim, a nobrefigura do venerando Prelado de Coimbra a abrilhantar a nossa galeria!

De feito, S. Ex.^a Rev.^{ma} devia de ha muito ter o seu retrato nas paginas da nossa revista, pois que S. Ex.^o Rev.^{ma} tem sobre si as benções de todos os catholicos pela sua intemerata e energica attitude na Camara alta em favor do clero parochial, e por isso é digno da admiração e veneração de todos.

Bem merecedora era a sorte dos parochos d'um defensor, elles que no labutar do seu munus desempenham uma alta funcção social, curando as doenças da alma, que tantos estragos vem fazendo n'estes calamitosos dias hodiernos.

Bem merecedora era a sorte dos parochos d'um defensor, elles que no labutar do seu munus desempenham uma alta funcção social, curando as doenças da alma, que tantos estragos vem fazendo n'estes calamitosos dias hodiernos.

O clero parochial tem direito, mais que ninguem, á protecção dos poderes publicos, que desde tão longo tempo o atirara a criminoso ostracismo.

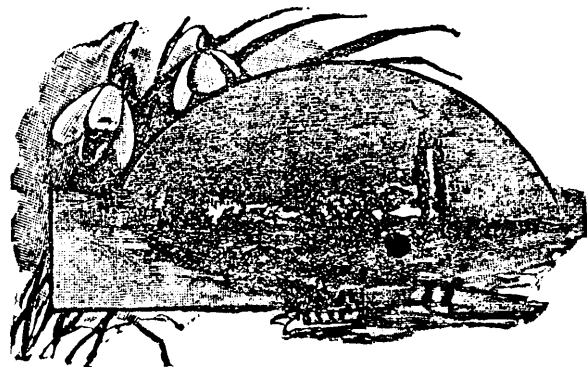
E o venerando Prelado coninbricense não descança um momento n'esta santa tarefa que a si proprio impozera, expondo-a e defendendo-a nobremente, com a altivez heroica dos fortes, sempre que para isso tenha ensejo.

Como echo da sua voz quasi pode considerar-se o magnificante Congresso de Braga, onde o clero parochial mostrou toda a sua vitalidade, e demonstrou exuberantemente os direitos que lhe assistem e as revindicações a fazer.

Honra lhe seja por isso.

Nós, que sentiramos immenso prazer por uma tal demonstração vital, ousamos apontar o nome do nobre Bispo de Coimbra a todos quantos se interessam pelo futuro do nosso desprotegido e até desprezado clero parochial, para que S. Ex.^a Rev.^{ma} tenha um altar no coração de todos os seus membros, pois d'isso é muito digno quem de bem longe tem pugnado desassombradamente pela melhoria da sua situação.

A S. Ex.^a Rev.^{ma} apresentamos agora os nossos humillissimos respeitos e beijamos o anel prelaticio.



Chronica Quinzenal

O presidente Loubet teve uma recepção imponentissima.

O dia apresentou-se magnifico, cheio de sol e alegria. Em todo o trajecto do cortejo agglomeraram-se milhares de pessoas, desejosas de ver e saudar o presidente, sendo as aclamações continuas e intensissimas.

O presidente, que é pessoalmente insinuante, não esquecerá nunca certamente a impressão recebida aqui, na forma carinhosa e entusiastica como o nosso povo o recebeu, e do dia com que a natureza quiz auxiliar o brilho das manifestações.

Por todas as ruas por onde transitou foi sempre muito aclamado, succedendo-se os vivas a Loubet e á republica franceza, enchendo-se lhe a carruagem com flôres que lhe eram atiradas, não só das janellas mas tambem das ruas.

A's 6,45 partiu da estação do Rocio o comboio conduzindo os srs. ministro dos estrangeiros e obras publicas, o sr. ministro da França e os seus secretarios, conde de Tarouca, Seabra de Lacerda, Thomaz Rosa e o sr. Valerio Villaça, indo tambem representantes de varios jornaes da capital.

Em Santarem entraram o governador civil e o seu substituto e o commandante e officiaes superiores de artilharia 3 e de caçadores 6.

A's 8 e meia chegou o comboio ao Entroncamento, onde estavam varias camaras municipaes e diversas bandas de musica.

A *gare* estava apinhada de gente. Pouco depois chegou o comboio presidencial, tocando as bandas de musica a *Marselheza*, soltando-se vivas calorosos a Mr. Loubet, que agradecia, sorrindo e saudando a multidão.

Entreu na carruagem o elemento official. Depois de feitos os cumprimentos e as apresentações do estylo, Mr. Loubet desceu da carruagem e veio apertar a mão aos veadores das differentes camaras municipaes que ali estavam.

A's nove horas, poz-se em marcha o comboio, no meio de uma ovação extraordinaria. Durante o trajecto até Lisboa, muita gente estava apinhada á beira da linha, aclamando o presidente.

A's dez e cincoenta e sete entra na *gare* do Rocio, que estava cheia de convidados, o comboio que conduzia, de Cascaes El-rei e o Principe real.

Pouco antes tinha chegado o sr. infante D. Affonso.

A's onze horas em ponto surge no tunnel o comboio presidencial.

A banda de musica toca a *Marselheza* e o presidente Loubet apeia-se, visivelmente satisfeito, e aperta as mãos a El-rei, que o cumprimenta affectuosamente.

Depois de falar a El-rei, Mr. Loubet cumprimenta o Principe Real e o infante D. Affonso, depois recebe os cumprimentos do ministerio, da camara municipal e de todos os altos funcionarios que se encontravam na *gare*.

Em seguida, forma-se o cortejo para a saída da estação, que deita para o largo de Camões, El-rei e o presidente Loubet param, aguardando que os coches vão desfilando pela sua ordem, enquanto as bandas regimentaes tocam a *Marselheza* e os soldados apresentam armas.

A' frente do cortejo marcha a guarda avançada, constituída por tres esquadrões da guarda municipal.

Logo que o coche da corôa se pôz em andamento, a

multidão rompe denodadamente e consegue chegar junto d'elle, e assim vae seguindo em massa compacta, apesar da policia tentar dissolver a onda e isolar o coche.

Pelas janellas ha muitas senhoras que acenam com lenços em homenagem ao presidente.

Apenas o coche entrou no Aterro, as baterias de artilharia ali collocadas principiaram a salvar.

O Aterro estava todo coalhado de povo, sendo a saudação ao presidente da republica muito calorosa.

Pouco adiante de Santos estava o orpheon composto por 1:500 creanças, que ao aproximar-se o coche da corôa cantaram a *Marselheza*.

O cortejo chegou á praça de D. Fernando pela uma hora da tarde.

Nas varandas do paço aguardavam a chegada do presidente, Sua Magestade a Rainha, acompanhada pelas suas damas e mais dignitarios de serviço.

Depois dos cumprimentos e apresentações do estylo retiraram-se sua magestade a Rainha, El-rei, infante D. Affonso e o Principe real e os dignitarios.

Pouco depois das quatro horas chega ao edificio da Sociedade Geographica o cortejo presidencial.

O presidente e Suas Magestades são recebidos pelo governo, com excepção do sr. presidente do conselho, que está doente, e pela direcção da Sociedade,

Na sala Portugal, onde se realisou a recepção, a orchestra toca a *Marselheza*, e ouvem-se repetidas salvas de palmas que Mr. Loubet agradece commovido.

O aspecto da sala é magnifico, fazendo a guarda d'honra os alumnos das escolas Naval e do Exercito.

O sr. Ferreira do Amaral lê o discurso de saudação em que allude á delimitação da fronteira da Guiné, como um dos signaes da collaboração da França e Portugal na civilisação dos povos africanos.

Termina por soltar tres vivas á França e ao presidente, que são calorosamente correspondidos.

Mr. Loubet levanta-se e, n'um improviso magnifico e eloquente, agradece a aclamação de que é alvo e refere-se com louvor ao nosso passado.

Termina por dizer que a França será eternamente sensível á manifestação de sympathia prestada ao seu presidente.

Saindo da Sociedade de Geographia, Mr. Loubet e Sua Magestade foram dar um passeio á Avenida, sendo o presidente novamente alvo de extraordinarias ovações.

A' noite recebeu Mr. Loubet o corpo diplomatico e as direcções da Associação Commercial e dos Legistas, que leram as suas mensagens de saudação e boas-vindas.

Esta noite, no jantar de gala na Ajuda, el-rei e Mr. Loubet proferiram brindes muito cordiaes.

Pela narração rapida e singela das festas que homenagearam o presidente francez, poderão os nossos leitores ver a maneira fidalga como Portugal sauda os seus hospedes notaveis. Não podemos, pois, dar uma noticia que abranja todas as festas, porque a isso se oppõe o espaço de que podemos dispor.

O que é certo é que Mr. Loubet devia levar bem fundas impressões do nosso povo.

P.



Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Novembro.

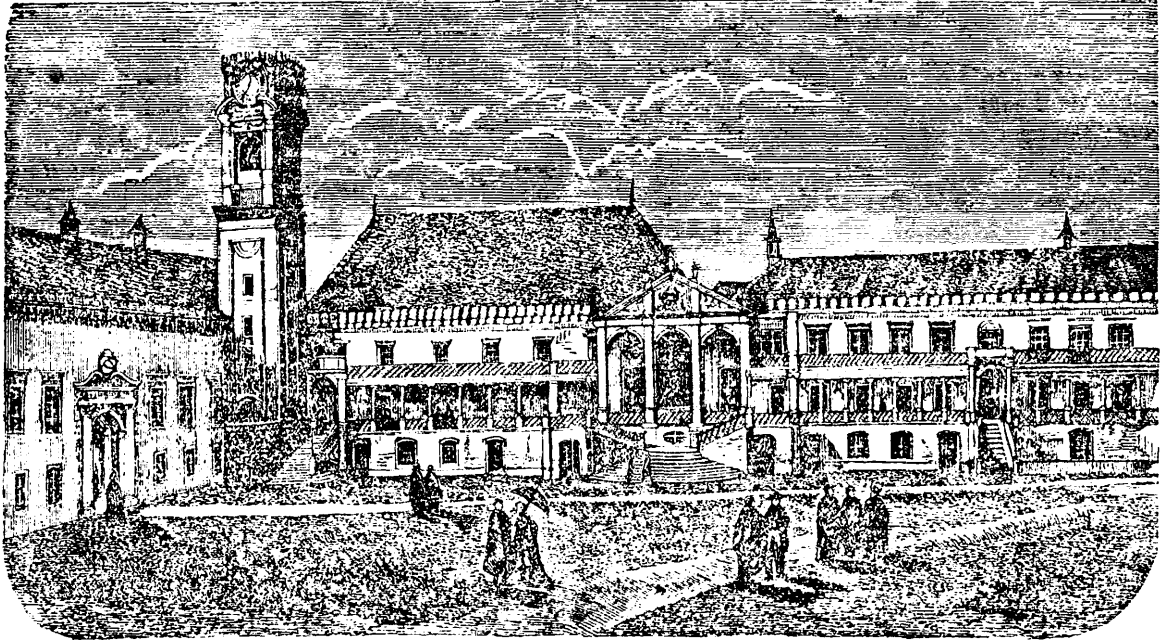
- 15—Quart. Dedicção da Basilica do SS. Coração de Jesus. Santa Gertrudes Magna.
 16—Quint. O B. Gonçalo de Lagos.
 17—Sext. (Abst. de carne) S. Gregorio Thaumaturgo.
 18—Sab. Dedicção da Basilica dos SS. Ap.
 19—Dom. Santa Isabel, rainha de Hungria, F.
 20—Seg. S. Felix de Valois, fundador.
 21—Terç. Apresentação de Nossa Senhora.
 22—Quart. Santa Cecília, V. M.
 23—Quint. S. Clemente, P. M.
 24—Sext. (Abst. de carne) S. João da Cruz, C.
 25—Sab. Santa Catharina, V. M.

«Abrirei em parabolos a minha bocca e manifestarei as cousas occultas desde a constituição do mundo.»

S. Matheus, cap. IX, 31-35.

Dia de finados e a minha crença

Quando creanças, se somos tão felizes que temos uma mãe que nos acalente os sonhos da infancia e ao ouvido e coração, em sublime linguagem, nos balbucie o SS. nome da Deus, e nos infiltre n'alma o sentimento sublime da crença christã, oh! que haverá a que nos possamos comparar? mas se somos tão infelizes que as caricias e cuidados maternas não nos embalarão n'esse berço d'ouro refulgente da crença, podemos crescer, pôde desenvolver-se em nós todos as graças, que não passamos d'uma flôr sem aroma, d'um astro sem scintillações. A crença christã é um astro rutilante de subida grandeza no horizonte da



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

- 26—Dom. S. Pedro Alexandrino, B. M.
 27—Seg. Santa Margarida de Saboya, Viuva.
 28—Terç. S. Gregorio, III. P.
 29—Quart. S. Saturnino, M.
 30—Quint. S. André, Ap.

Evangelho

(24.ª Domingo depois do Pentecostes)

N'aquelle tempo, propoz Jesus ás turbas outra parabolá, dizendo: O reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e semeou no seu campo. Este grão é na verdade o mais pequeno germen de todas as sementes, mas depois de ter germinado e crescido é a maior de todas as hortaliças e se faz arvore, de sorte que os passarinhos do céu vêm pousar em seus ramos.»

Disse-lhes ainda outra parabolá: «O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e esconde em tres medidas de farinha, até que toda a massa se alevéde. Todas estas cousas disse Jesus ás turbas em parabolás; e não lhes fallava sem parabolás; para que se cumprisse o que estava annunciado pelo Propheta, que disse:

vida humana, e sem ella a vida é um turbilhão de desgraças que se vae quebrar na eternidade para ahi principiar nova serie de soffrimentos muito maiores, sem comparação alguma, aos d'esta vida. A crença é a ancora da salvação no meio dos combates da vida; é refulgente estrella que nos guia sem nos enganar ao sublime destino para que Deus nos creou; é balsamo efficassimo que nos cicatriza todas as feridas, que nos ampara em todos os revezes e que faz com que afoitamente afrontemos todos os infortunios. A crença christã! oh! bendita sejas. Se n'este mundo ainda ha um amigo verdadeiro, devemol-o a ella; se dos nossos labios ainda se desprende um sorriso de felicidade, tambem só a ella a devemos; se na sociedade ainda existe honra, probidade, sinceridade, é tudo devido ao fulgurante facho da crença christã. Arranquemol-a se é possível do coração de todos os homens e contemplemos a sociedade se temos coragem: Que anarchia horrivel! Que medonho cataclismo! Que cahos, que horror!! Abraçados á nossa crença, que tranquillidade ainda no meio dos infortunios: porque ella nos diz que a paz e ventura é alem tumulo, no céu. Que importa que a vida termine cedo ou tarde, se a vida verdadeira principia ao cerrarmos as palpebras n'este mundo e nunca mais acaba, e n'essa hora,

tanto vale ter-se vivido quinze como quarenta annos, apenas teem valor as boas e más obras que praticamos na vida! Não se diga que há infelicidade no peito onde existe a crença christã; porque ella dulcifica todas as amarguras, minora todas as dores, e conforta em todas as afflicções. Bem nos afflige o triste e plangente dobrar a finados. As auras n'este dia são inclementes para nós, pois nos transmittem esses sons doloridos dos campábarios que fazem echo triste na nossa alma, e fazem, em borbotões, assomar as lagrimas aos olhos pelos nossos idolatrados paes, pelos nossos inolvidaveis amigos; mas que importa isso? se a nossa crença vem em nosso auxilio, impellindonos a dobrar os joelhos diante d'um crucifixo e com as mãos supplicantes dizer-lhe: «dae-lhe, Senhor, o descanso eterno entre os resplendores da luz perpetua.» A nossa alma sente-se consolada por ter pago aos nossos queridos extinctos este tributo de amor e gratidão.

Bem dita a crença christã e bemditos aquelles que nol-a implantaram na alma. N'este dia tão triste dos finados, como me recordo com saudades amarissimas da minha mestra, d'esse anjo tutelar que amparou a minha infancia e que sem ter commigo as obrigações de mãe, me infiltrou n'alma a joia mais preciosa que existe na vida—a crença. —«Há um Deus em tres pessoas, minha filha, e a segunda pessoa, que veio ao mundo para nos remir da escravidão, a que os nossos primeiros paes nos tinham reduzido, hade vir um dia a julgar os vivos e os mortos, não sendo isentas as crianças a quem nosso Senhor muito ama. Aos bons leval-os-há para o céu, mas aos maus, dizia me conternada, mandal-os-há para o inferno.» Como eu tivesse medo a esta ultima sentença, dizia-me: «socega, que isto é só para aquelles que morrem sem se confessar e que durante a vida transgrediram a lei de Deus imposta nos seus X mandamentos, e a da santa madre Igreja, a quem devemos obedecer como ao proprio Deus. Eu então promettia lhe que havia de ser muito boa, ao que sempre faltava fóra da presença da minha querida mestra, a quem nunca esqueço. Foi ella, essa santa creatura, que plantou com raizes bem fundas em minha alma a crença que me tem servido de felicidade unica, pois que ella morreu, outra ventura não existe em mim senão a de ter crença, e de nada mais preciso para ser feliz na vida e na morte. Minha adorada mestra, n'este dia de finados, em que tudo corre para o cemiterio adornar com flores as campas dos seus queridos defuntos, oh! recebe, tu tambem, se não em cima da tua jazida, porque estou longe, á tua memoria, e deixa que o desfolhe sobre ti a flor bem dita da crença que cultivaste com tanto esmero em minha alma, e que, graças a Deus, eu não deixei secar; e essa flor bem dita forme um bouquet de orações que subam á presença de Deus e sejam por misericordia sua allivio para a tua bem dita alma, se ainda estiveres no purgatorio, ou augmento de gozo se já estiveres no céu, como piamente creio.

E se me fosse permittido baniria do cemiterio, em dia de finados, todas as flores e ornatos que collocam nas sepulturas, pois tudo isto só serve apenas para nos distrahir e roubar aos mortos a verdadeira homenagem que é a da oração. Vamos, sim, visitar os nossos queridos defuntos e levemos bem viva a flor bem dita da crença christã ao cemiterio para com ella fazermos subir até ao throno de Deus ferventes preces pelas almas bemditas dos nossos extinctos queridos.

Dona M. M.



Litteratura

Uma noite de Almas

(Lenda)

I

Quem passar ao lado do convento vê a poucos passos uma cruz de ferro sobre uma pequena columna de pedra. A' cruz chamam a *Cruz do morto*, e ao passarem por ella os camponezes saúdam-na com extranho respeito, balbuciando uma oração.

O povo perpetuou a historia da cruz do morto com uma d'essas tantas poeticas lendas que as mães recitam a seus filhos para irem formando seus ternos corações no odio á maldade e no santo temor de Deus.

Ha muitissimos annos dominava em toda a comarca um conde, senhor de vastos territorios, que, olvidando a gloriosa origem do seu senhorio e as fidalgas virtudes de seus antepassados, entregava-se a toda a classe de atrocidades.

Um dia appareceu á borda do caminho que vae dar ao convento o cadaver de um homem, atravessado por uma estocada; ninguem duvidou quem fôsse o matador; porém todos os labios se sellaram perante o temor de pronunciar o seu nome, e o cadaver teria ficado insepulto, sendo pasto das aves, a não ser pela caridade dos monges que, recolhendo-o, lhe deram christã sepultura na igreja, levantando depois essa cruz, que ao mesmo tempo que recordava uma morte pedia uma oração.

Desde então começou a circular o rumor de que á meia noite se sentia nas proximidades da cruz uma voz toda lastimosa, como de alma penada, e, emquanto as sombras da noite estendiam o seu manto sobre a veiga, ninguem ousava transpor os humbraes de sua casa com medo de ouvir aquelle lugubre gemer.

Uma tarde desapareceu o conde, sem que jámais se chegasse a saber d'elle, e com a sua desaparição coincidiu a d'aquella voz tristissima que tanto temor infundia, ainda mesmo nos animos mais esforçados, e ninguem na comarca duvidou de que o diabo havia levado em corpo e alma aquelle tyranno, de quem ainda conserva memoria o povo.

Esta historia, que ouvi contar de noite com o luxo de terrificos detalhes quando ainda creança, impressionou-me vivamente, e durante muito tempo foi meu pesadello aquelle conde, a quem o diabo em pessoa havia levado para os infernos.

II

O tempo, que é grande esclarecedor de verdades e mysterios, veio não ha muito completar a historia da *cruz do morto*. Encontrou-a em um velho escaninho da bibliotheca do convento um dos frades que substituiram os antigos monges, e teve a amabilidade de nol-a referir.

Em uma tarde de outomno chegou á portaria do convento um homem que, procurando occultar seu rosto, embiocando-se com o capuz de uma ampla capa, demonstrava bem claramente a sua impaciencia nas repetidas vezes que bateu com a forte aldrava.

Ainda bem um monge não tinha feito girar a pesada porta, quando o embuçado, adeantando um passo, sem previa saudação, lhe perguntou:

—Póde-se fallar ao Abbade?

—Não é hora d'isso, replicou o leigo, vinde amanhã.

—Impossivel! replicou o embuçado; entrae e dizei-lhe que um grande peccador necessita fallar com elle.

Muito extranhou ao leigo esta maneira de mandar; porém nunca aquella porta se havia cerrado á desgraça, e as da alma tinham franca entrada, pois dentro se encontrava o remedio.

Pouco depois subiam o leigo e o embuçado á cella do Abbade. Achava-se este embebido na leitura de um immenso in-folio, e, ao sentir passos dentro já de sua habitação, levantou a cabeça e não pôde occultar um involuntario movimento de surpresa ao encontrar-se cara a cara com o temivel senhor da comarca. Notou-o o recém-chegado e ajoelhando-se a seus pés, lhe disse:

—Não temaes, Padre; já não sou o bandido que impunemente rouba, nem o assassino que mata sem que a justiça humana o attinja; sinto dentro em mim não sei quê, uma cousa que nunca senti, e venho pedir-vos me ouçaes de confissão quanto antes, pois meus crimes me opprimem.

—Tende coragem e não temaes, disse o Abbade, admirado de ver aquella porte humilde e ouvir aquella linguagem, extranha em bocca de quem não a usava; por muito que hajaes peccado, maior é a misericordia de Deus, e elle vos perdoará.

—Ah! desejo-o de todo o coração. Ha cerca de um anno dei morte no lugar onde hoje se levanta a cruz de ferro que vós, Padre, puzestes para meu remorso, a um homem que quiz oppôr-se a um dos meus malvados planos: matei-o eu, e matei-o quasi á traição, pois não lhe dei tempo de puchar pela espada. Desde então não encontro paz nem descanso, e de minhas occupaões não me distrahem nem a caça nem a guerra. Cada vez que diviso a cruz de ferro, ou na solidão das noites ouço esse lugubre gemido que chega até ás torres do meu castello, sinto um estremecimento que me trespassa, enchendo-me de estranho pavor: não temí nem as feras nem os meus inimigos, que ás vezes eram piores que as feras, e tremo de ouvir esse lamento: não encontro, Padre, a paz que procuro, e venho ver se m'a podeis dar.

—Achal-a-heis, filho meu, com certeza: esses temores são o echo da vossa consciencia, são os chamamentos de Deus que quer premiar-vos por algumas boas obras...

—Não me recordo de tel-as feito nunca...

—Ou talvez as oraões de vossa boa mãe.

—Isso sim, pois ella foi tão santa quanto eu fui malvado.

Levantou-se então o abbade, e, apoiando carinhosamente os braços no temido conde, proseguiu:

—Hoje sereis nosso hospede, pois não é hora para voltardes ao vosso castello. Retirae-vos tranquillo e esquadrinhae sem temor vossa consciencia, que amanhã vos ouvirei de confissão, e recebereis o Senhor, que dá a paz aos que de boa vontade a procuram. Descansae, e não vos alarmeis nem temaes se de noite sentirdes passos nos claustros: é a Comunidade que baixa ao coro a resar Matinas. Hoje, vespera de defuntos, vão orar pelos mortos, e se a essa hora estiverdes desperto, podereis tambem baixar á igreja a orar por esse morto a quem matastes, e por todos os vossos antepassados, algum dos quaes jazem debaixo das nossas abobadas por beneficios que fizeram ao nosso convento.

O leigo conduziu o hospede á habitação que lhe haviam preparado, e o santo abbade foi prostrar-se diante do Senhor das misericordias, para orar por aquella alma que Deus chamava por sua divina graça ás sendas do bem.

III

Faria proximamente uma hora que, ajoelhado no fundo da igreja, ouvia o conde o grave canto dos monges,

quando á ultima oraão se seguiu um silencio profundo, interrompido pela entrada de um dos Religiosos, que, depois de fazer uma profunda reverencia deante do sacrario e oscular o chão, foi, um a um, apagando os seis cirios que ardiam no altar, deixando a igreja sumida em densas trevas. De prompto o conde experimentou como que um choque electrico: havia entoado o côro, pausada e solemnemente, como deprecação feita ao Altissimo, o commovedor psalmo *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam*, e ao mesmo tempo ouve um ruido extranho, como de granizo que açoita uma galeria de cristal: applicou attento o ouvido, e não lhe coube duvida: os monges disciplinavam-se, e este facto, commum e ordinario na vida religiosa, o fez recolher se. Conforme ia avançando o canto, iam tambem reforçando os golpes, e ia o pobre conde encelhando-se, como se todos elles tivessem de cahir sobre as suas costas.

O côro chegou ao versiculo *Auditui meo dabis gaudium et letitiam; et exultabunt ossa humiliata*, e sentese um ruido extranho como estalar de ossos, e uma luz phosphorescente brilha entre as trevas: levantou o conde a cabeça e se quedou atarrado: um a um foi vendo passar deante de si em ordenada precissão os esqueletos de monges, damas e cavalleiros, cobertos com os seus humildes habitos, seus ricos vestidos, ou suas frrreas armaduras, e fechando aquella funebre cortejo ia elle, o morto a quem matou, que, ao passar a seu lado, lhe lançou um olhar terrivel com as vazias orbitas da sua descarnada caveira: pegada a lingua ao paladar, dilatados os olhos, erigido o cabello e comprimindo a respiração, presenceava aquelle extranho espectaculo. Ajoelhados os esqueletos ante o altar, iam respondendo com vozes de além-tumulo ao sentido canto do Rei Propheta. Por fim callou-se o côro dos vivos e cessou tambem o rumor das disciplinas.

Um monge tornou a entrar na igreja, accendeu de novo os ciriaes, espevitou a alampada e retirou-se depois de oscular o chão, sem dar, ao parecer, conta do extranho conjuncto de feis que enchia a igreja. Então estes entoaram um novo cantico, que mais que cantico de penitencia parecia um hymno de graças: *Te Deum laudamus; te Dominum confitemur*, e segundo iam cantando ia augmentando a claridade. Quando chegaram ao *Miserere nostri, Domini; miserere nostri*, se incorporaram todos, e ao entoarem o seguinte versiculo: *Fiat misericordia tua, Domine, super nos; quemadmodum speravimus in te*, começaram com grande assombro do conde a subir, até que desapareceram pela abobada, dizendo: *In te Domine speravi, non confundar in aeternum*. Então se dilatou seu peito em um prolongado suspiro: *In te Domine speravi, non confundar in aeternum*, repetiu e cahiu sem sentidos.

Quando no dia seguinte o sacristão entrou na igreja encontrou estendido sobre o pavimento um homem que parecia cadaver; deu parte ao Abbade, e entre ambos conduziram quasi exanime á sua habitação o pobre conde, que á força de cuidados logrou restabelecer-se, e referiu ao Abbade quanto deixamos dito.

IV

Desde aquelle dia não foi raro ver ao pé da cruz do morto a um monge, occulto o rosto debaixo do capuz, em postura de profunda meditação. Nenhum dos muitos camponezes que ao passar saudavam com respeito a cruz e o monge, pôde suspeitar jámais que sob aquelle saial se occultava o terrivel senhor da comarca.



Varia

O Clero catholico e a sciencia

O grande numero de descobertas com que o clero e as ordens monasticas enriqueceram a sciencia, é uma prova mais de que a fé, longe de contranger ou enfraquecer o espirito humano, dá-lhe, pelo contrario, mais força, acuidade e perseverança, tres qualidades que caracterisam ordinariamente os inventores.

Deve-se: a S. Anatolio, bispo da Laodicêa, o calculo astronomico das paschoas; a Diniz, o *Pequeno*, monge

nico, o systema do mundo; aos sabios e illustres cardeaes Cusa e Schombert, e ao carmelita Foscarini, a affirmação, anterior a Galileu, de que a terra gira em volta do sol; ao padre portuguez Guamão, a construcção do primeiro aerostato; ao jesuita Kircher, a lanterna magica; ao jesuita Ricci, o catalogo dos eclipses; ao jesuita Grimaldi, a refração da luz; ao padre Campani, a arte de talhar as pedras preciosas; a Buléon, superior geral dos Antoninos, os signaes algebricos; ao abbade Chappe, a telegraphia aerea; ao abbade Picard, a primeira medida do arco do meridia-no terrestre; ao diacono Pimpré, a honra de ter, dois annos antes de Franklin, explicado as tempestades pela presença da electricidade nas nuvens; ao abbade La Caille, a primeira medida directa da paralaxe lunar; ao padre Bos-



TARDE D'OUTOMNO

scytha, o cyclo que tem o seu nome e que fixa o começo da era christã; a Boécio, os orgãos de tubos, os poços artesianos, os cimentos hydraulicos e a primeira esfera terrestre; a Aluino, a rasão da occultação temporaria dos planetas; a Bacon, o telescopio e os escriptos que, segundo diz Montuela na *Histoire des Mathematiques*, contêm a origem de tantas grandes invenções; a Vicente de Beauvais, a attracção central como rasão do equilibrio da terra no espaço; a Alberto-o-Grande, a descoberta do zinco e do arsenico; ao monge Schwartz, a descoberta da polvora; a Villeneuve, theologo e medico, a arte da distillação; a Warlingfort, abbade do Saint Alban, o primeiro relógio astronomico; ao monge Gerbert, depois papa com o nome de Silvestre II, os relógios de rodas, o quadrante de Magdeburgo e a machina de vapor; a S. João Damasceno, o systema decimal; ao diacono Giosa, o iman e a busola; ao dominicano Spina as lunetas; ao dominicano Basilio, a primeira applicação da chimica á medicina; ao jesuita Clavins, o calendario gregoriano; ao conego Coper-

nick, a medida do equador dos planetas; a La Condamine, a attracção d'um fio de chumbo pelas montanhas; a Walis, a arithmetica infinitesimal, e a monsenhor Rendu o movimento das geleiras.

E se olharmos como inventores os sabios que escreveram as primeiras obras sobre qualquer materia, devemos: A trigonometria a Cabossila, arcebispo de Thessalonica; a taboa das tangentes ao padre Sceva; a algebra ao franciscano Borgo; a hydraulica a Theodoro, bispo de Gotha; a tactica naval ao padre L'hoste; a catoptrica (parte da optica) a Peccamus, bispo de Cantorbery; a theoria dos balões ao padre Luna; o calculo infinitesimal ao padre Cavalieri; a perspectiva a Hermolans, patriarcha de Aquileia; as secções conicas a Angelis; a classificação dos fosseis ao padre Mareili; a crystallographia ao abbade Harly, e a paleontologia stratigraphica ao abbade Soulavie.

Todos estes illustres sabios são padres ou membros das congregações.



Serção social-christã

O «Boerenbond» belga

Eis, em resumo, a historia d'esta poderosissima instituição social, extrahida d'um folheto publicado em francez pelo P. Lugan :

O abbade Mellaerts, chamado na Belgica «o Padre dos camponezes» é filho de lavradores e affeiçãoado á botânica desde quando fazia os seus estudos classicos no Collegio dos Jesuitas de Tirlemont.

Nasceu em 1845 e é sacerdote desde 1871. Tres annos foi coadjutor; depois foi nomeado parochio de Goor, povoação de 1:600 habitantes.

Quando chegou a Goor, não havia alli igreja decorosa nem casa para o parochio, nem escola. Poucos annos depois tinha construido para estes tres fins, tres soberbos edificios.

Dedicava muitos dos seus esforços ao cultivo racional e investigador do passal sito junto á residencia. Porém não havia maneira de que seus freguezes o imitassem. Um dia, em uma reunião das conferencias de S. Vicente de Paulo, ouviu as lamentações de um lavrador, que tinha um campo de trigo pouco productivo.

— Empragarias um remedio que eu te indicasse? lhe disse o parochio.

— Se não custa muito... respondeu o lavrador com ares scepticos.

O abbade proporcionou-lhe um preparado chimico adequado, que fez prosperar maravilhosamente o seu campo. Bem depressa outros lavradores pediram «igual favor». A causa dos adubos chimicos estava ganha. Porém não bastava só isto.

A leitura da Revista que serve de órgão á admiravel Liga dos camponezes da Allemanha Rhenana, e sobretudo o Congresso de Liège de 1896, fonte do movimento catholico social belga, atormentavam o parochio de Goor, que anhelava introduzir em sua parochia a organização social christã.

Em 1887 decidiu lançar-se definitivamente na acção. Reuniu os socios da Conferencia de S. Vicente de Paulo, elogiou-lhes as vantagens dos antigos Gremios e expoz-lhes os resultados obtidos pelas Associações agricolas na Allemanha.

— Não podiamos ensaiar em Goor alguma cousa semelhante? lhes disse ao terminar a sua clara e fervorosa allocução.

— Ah! senhor abbade, apressaram-se a responder os mais influentes, tudo isso era muito bonito em outro tempo. Hoje já sabe V. Rev.^a que a gente é d'outro modo. Cada um quer trabalhar por si e nada pensa em ajudar o vizinho.

— Mas vós, que sois bons christãos, não querereis ajudar o proximo, se vos fosse possivel?

— Está muito bem, senhor abbade; porém o que pretende é impossivel.

— Pois bem, deixae-me guiar-vos. Quem tiver animo que me siga.

O parochio, zeloso e abnegado, tinha o carinho e o respeito dos seus freguezes.

Ainda assim, só obteve alli sete adhesões, e nenhuma havia sido dada com entusiasmo.

Assim fundou o Abbade Mellaerts a primeira *Boergilde*

de (Gremio de camponezes) que collocou sob o patronato de S. Isidro, lavrador. Não é uma confraria nem só um syndicato, é uma associação profissional agricola, de base religiosa.

Nos dias de reunião os socios vão primeiro á igreja, e d'alli ao local da *Gilde*. Aqui fallam de tudo o que interessa ao lavrador.

A *Boergilde* compra, por grosso, substancias alimenticias, machinas e instrumentos agricolas, e endereça-os aos socios para melhoria das culturas e maior aproveitamento dos productos. Em 1900 havia na Belgica 450 Associações agricolas do typo de Goor, com 26:000 socios.

A irradiação da iniciativa do abbade Mellaerts foi devida em muito á collaboração dos seculares, Mr. Hel-lepote hoje deputado, e Mr. Schollaert, que já foi ministro. Porém estes dois celebres catholicos foram atrahidos pelo zelo do abbade Mellaerts e impulsionados pela feliz experiencia de Goor.

Hoje essas 450 Associações formam a federação agricola que se chama o «*Boerenbond*», installado em Lovaina, com casa propria e pessoal competente. Os serviços complicam-se e aperfeiçoam-se com incessante sollicitude.

O folheto do P. Lugan intitula-se: *O que pôde um sacerdote*. Não se pôde pedir a todos a competencia technica, a inflexivel tenacidade, o zelo ardente e o suave ardôr de que necessitou o abbade Mellaerts para realizar a magna empreza que o «*Boerenbond*» belga cumpre.

P.Us.



Secção poetica

Desenganos

(Dolora)

Em um cemiterio entrei,
Tres lapides juntas vi,
E este desengano achei,
Quando sua inscripção li:

I

A UMA CRIANÇA (ANJO)

Para levar a orla de seu manto,
A Virgem quiz d'aqui um Anjo então,
Olhou p'ra a terra, enleou-a teu encanto,
E asas te deu p'ra voares á Mansão.
Anjo meu! Tira d'esta afflicção
Tua mãe infeliz desfeita em pranto!

II

A UMA JOVEN (FLOR)

Pobre flor! D'esta vida nos alvares
Encantava tua maga formosura,
E eras a inveja das outras flores.
Mas eis roubou a morte tua frescura,
Desbotando essas tão vividas côres,
E levou a teus paes a desventura!

III

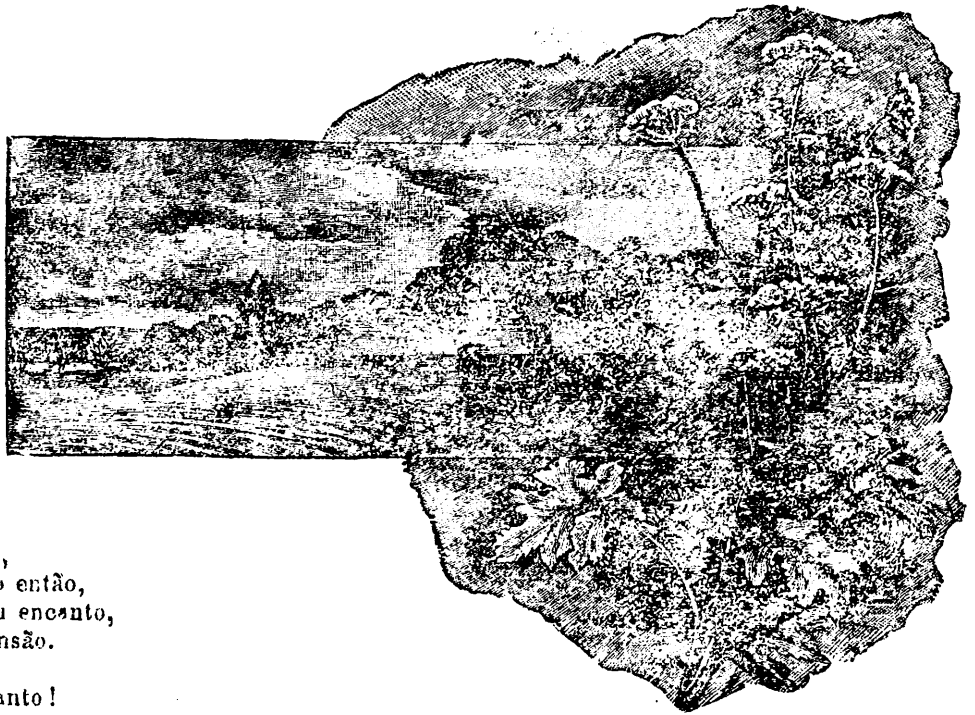
A UM VELHO (CINZA)

Valor, sciencia, nobre fidalguia
Brilhou qual uma luz esplendorosa,
Sendo de sabios e ignorantes guia.
Se extinguiu seu fulgor, e em esta louca
Restos d'essa grand-eza, só repousa
Parco punhado d'uma cinza fria.

E chorou meu coração:
A vida pôde-se amar?
Se n'isto vão parar
As grandezas, a illusão?

Eis o que é o viver:
Anjo de Deus ao nascer,
Fler passageira ao crescer,
E fria cinza ao morrer.

(Trad. do hespanhol.)



Saudade!

A' memoria do dignissimo sacerdote A. MEIRELLES, S. J.

Funéreo archanjo, revoadando rapido,
Sobre a terra passou;
E ao tocar-te, com suas azas fulgidas,
A vida te ceifou.

Qual da montanha o cédre, por um fero
Raio, cahé fulminado,
Assim tu, que te erguias forte, impávido,
Cahes tambem prostrado.

S. guias, fitando com vista angelica,
Ao longe ignota luz:
Seguias... firme, n'este val de lagrimas,
Tendo por guia a Cruz.

Quão breves que foram teus dias na terra,
Tu que eras amparo, de tantos bordão!...
Teus dias passearam, qual passa na serra
Suave perfume, subtil viração.

E era sereno teu limpido olhar,
E era tão meigo teu calmo sorrir.
Qual luz que dimana d'aurosa o raiar,
Qual deve dos anjos nos labios fulgir.

Agora quebrada a urna terrena
Tu'alma contempla dos céus os fulgôres;
D'envolta co'os anjos, em estancia serena,
Só canta os hosannas do Eterno os louvores.

Agora gosando suprema ventura,
Tu roga por nós ao Deus do bondade,
P'ra sermos felizes na patria futura,
Contigo fruirmos eterna amizade.

P.

13-5-1896

ANTONIO J. D'ALMEIDA COUTINHO E LEMOS FERREIRA.

A's Almas do Purgatorio

Almas bemditas no chrisol metidas
Do soffrimento ingente,
Por faltas n'este mundo commetidas,
E que antes facilmente
Pagar podiam do thescuro infindo
Que Christo nos deixou ao mundo vindo.

E que sómente ali, soffrendo, agora
Podem pagar, escravas
Da justiça divina vingadora
Das obras feitas pravas
Pela malicia, corrupção humana
Que a dignidade da razão abana.

E pagam *tim por tim*, á risca, tudo
Sem merecer desconto:
Não tem a liberdade por escudo,
Para que ponha ponto
A's dividas com meritos havidos
No dominio prudente dos sentidos.

E suspirosas nosso auxilio pedem
Em vivida demanda,
E assim sensatas a justiça medem;
A caridade manda
Que ao pobre demos o que mais precisa
Abrigo, pão, consolação, camisa.

E ellas tão ricas no eternal futuro
São no presente pobres,
Vêm-se das ancias no maior apuro,
E gratas, como nobres,
A quem no transe do maior tormento
As ajudar darão aos mil por cento.

E não se quebra o tal fraterno laço
No estrebuchar da morte,
Mais resistente que diamante e aço,
Mais inda que ella forte,
Antes se torna mais vibrante, viva
A caridade, sempre aqui captiva.

D'este dominio dos sentidos rudes,
Para gosar o bello,
Delicado deleite das virtudes,
O mais poderoso elo
Que prende ao céu o pobre ser humano
Do amor perfeito no sublime arcano.

Amam as almas, todo o amor é d'ellas,
Os corpos incapazes
São de tocar as altitudes bellas
De tão risonhas faces
Alvas, esteticas, tocantes, puras
Que formam a ventura das venturas.

E entre essas almas generosas, gratas,
Ternissimas amantes,
Sinceras, justas; porque são sensatas;
Algumas foram antes
Já, para nós, e com razão, queridas,
E choradas nas suas despedidas.

O' a vós, de paes, d'irmãos, talvez d'esposas
E amigos bemfeitores
Que bem merecem preces fervorosas
De gratos pensadores,
Que não vêem nossa vida terminada
N'esta caduca, terreal jornada.

Na Formiga.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.



Retrospecto da Quinzena

Realisou-se a grande reunião do clero portuguez que, como prenunciamos, foi effectuada na igreja do Seminario Conciliar de Braga.

A falta d'espaco com que luctamos e sobretudo a circumstancia de sermos um quinzenario que não pôde dispôr do elementos necessarios para dar largas e completas informações, inhibe-nos de dar uma noticia bem desenvolvida do que se passou na importante reunião do clero em Braga. Os leitores, porém, devem ter conhecimento da imponencia que revestiu a grande reunião, pelos extractos publicados na imprensa diaria, especialmente no nosso pressado collega *A Palavra*, que foi representado em Braga pelo seu redactor politico e nosso bom amigo Sr. Manoel Fructuoso da Fonseca.

A titulo de curiosidade diremos que estiveram presentes na grande assembleia 250 delegados, representantes de 164 vigarias, arceprestados e concelhos das differentes dioceses do paiz, alem d'outras adhesões de 20 circumscripções que não poderam mandar representantes.

Na primeira sessão foi resolvido saudar Sua Santidade, na pessoa do Senhor Nuncio Apostolico, S. S. M. M. e toda a Familia Real, sendo enviados os respectivos telegrammas de saudações. Na pessoa do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz foi tambem resolvido saudar o Ex.^{mo} Episcopado.

Oxalá que d'esta grande reunião advenham os fructos que são para desejar a fim de que a numerosissima e honrada classe clerical possa vêr um dia justamente correspondidos os seus valiosos e trabalhosos serviços.

Para conhecimento de todos os interessados, a commissão central do clero portuguez declara o seguinte:

Que, tendo sido publicadas algumas incorrecções importantes quanto ao que foi decidido na segunda sessão, serão ellas emendadas, como tambem serão aclaradas outras materias na *Memoria da Assembleia*, que deverá ser publicada antes da reunião da segunda assembleia e cuja publicação pareceu ser ideia corrente entre todos os srs. delegados á assembleia;

Que esta *Memoria* comprehenderá:

I. Carta convocatoria, discurso inaugural e lista dos srs. delegados, como tambem a das vigarias, arceprestados e concelhos, e que, não tendo podido enviar delegados, adheriram comtudo ás decisões que fossem tomadas;

II. Propostas enviadas para a meza e breves commentarios a estas propostas;

III. Relatorio e parecer da commissão de estudo sobre as mesmas propostas, acta da segunda e ultima sessão, representação do clero aos altos poderes do Estado e mais alguns documentos;

IV. Outros factos.

Que esta representação, elaborada de harmonia entre

a comissão central e o sr. relator da comissão de estudo, será entregue em ocasião opportuna, á pessoa ou pessoas que se dignarem patrocina-la, será enviada por copia a todo o Episcopado junta ao pedido da sua protecção, e será publicado por meio da imprensa periodica;

Que, como nas sessões por mais de uma vez se evidenciou, o clero não finda o seu movimento, occupando se sómente dos seus interesses materiaes, mas se occupará, em futuras assembleias geraes, d'outros interesses d'uma ordem superior, mantendo-se todavia no respeito devido ao principio de auctoridade e ás auctoridades legitimas, especialmente ao seu Episcopado de quem é rebanho e não pastor;

Que, finalmente depois de concluidos os trabalhos da representção, procederá a comissão central aos trabalhos de organisação das commissões diocesanas.

O Catecismo de Pio X, como se chama já vulgarmente em Roma, alcançou um exito brilhante, sendo numerosos os pedidos e tendo-se vendido já milhares d'exemplares. N'uma conversação com Mgr. Delamaire, sabendo o Santo Padre que o illustre Bispo de Perigueux tinha accrescentado ao seu Catecismo algumas lições ácerca dos deveres dos catholicos considerados como cidadãos, approvou entusiasticamente o zelo do Prelado francez e apressou-se a apontar-lhe um capitulo do novo Catecismo relativo ao mesmo assumpto.

O Rev. Padre Brandi, director da *Civiltà Cattolica*, apresentou ao Santo Padre a importancia da segunda lista d'offertas a favor da C. labria, recolhidas em aquelle jornal. A importancia era de 88.603:40 liras. Com a primeira subscripção, a quantia recolhida sobe a 117.886.55 liras. Já foi aberta a terceira subscripção, que encerrou em 27 d'outubro.



Bibliographia

A Política de hoje e de amanhã (Verdades duras mas flagrantes) por X. Y. Z.

Vimos, ainda que tarde, accusar hoje a recepção d'este admiravel pamphleto de critica.

A imprensa catholica na sua totalidade acolheu do modo mais liougeiro o novo luctador, e isto é o maior elogio que poderemos fazer do opusculo.

Recomendamo-lo, pois, insistentemente aos nossos leitores, para terem ensejo de ler uma boa prosa. Ao seu illustre auctor as nossas felicitações sinceras.

A Biblia e as theorias scientificas, por B. Colomer. Collecção Ciencia e Religião. Pova de Varzim: Livraria Povoense Editora.

E' mais um bello estudo d'esta Collecção. N'elle traça-se a attitude da Igreja infallivel como guarda das Escripturas, perante a ciencia; e o papel destinado ao exegeta catholico na critica das syntheses denominadas scientificas, como commentario humano das Sagradas Letras.

O seu auctor é um theologo consumado. Recomendamos a sua leitura.

Theologia Moral Universal, de Pedro Scavini. Edição de José Maria d'Almeida—Vizeu.

Recebemos ultimamente os fasciculos n.ºs 25, 26 e 27 d'esta obra monumental, unica em Portugal sobre o assumpto.

Continuamos a recommendar aos nossos presados leitores esta obra importantissima, d'um interesse capital para o clero, pois ha assignatura permanente para ella. Agradecemos.

O Evangelho, explicado, defendido, meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de N. S. Jesus-Christo, pelo Padre Dehaut.

Acabamos de receber o fasciculo 20.º desta importante obra, cuidadosamente traduzida pelo rev.º sr. padre Antonio Gomes Pereira, dig.º professor do Lyceu Central do Porto.

O presente fasciculo começa a occupar-se de *Magdalena aos pés de Jesus*, acompanha depois o Salvador no seu *Regresso a Capharnaüm*, onde cura um possesso, confundido entre a vaidade dos Phariseus; depois descreve um *Encontro de Jesus com Sua Mãe e primos*, na mesma cidade; e por ultimo inicia a explanação da celebre *Parábola do sementeiro*.

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42-1.º—Porto.—Preço de cada fasciculo 100 reis.



EXPEDIENTE

Acabamos de mandar para o correio os ultimos saques correspondentes á importancia das assignaturas em divida. Com grande magua e surpresa nossa vieram-nos quasi na sua totalidade devolvidos! Parece incrível mas é verdadeiro.

Só cerca de 50 assignantes satisfizeram os seus debitos pagando os saques! Ha na imprensa catholica muitos individuos, que a assignam e recebem os seus numeros, mas quando se lhes apresenta o recibo é que se mostram taes quaes são. Este anno estamos resolvidos a fazer o seguinte, afim de expurgar da nossa lista de assignantes os *insolviveis*: Toda a assignatura em debito, que não fôr satisfeita até ao fim do anno, será d'ahi por deante suspensa, publicando-se uma folha adjuncta ao "Progresso Catholico", contendo os nomes de todos os assignantes que não pagaram, isto é: os assignantes em divida de dois annos.

Fazemos este aviso, para que depois não tenham de que se queixar.

Já fazemos uma distribuição de mais de 100 exs. gratuitamente, para contribuirmos tambem, na medida das nossas forças, na divulgação da boa imprensa.

Além d'isso, tambem nos appraz registrar o auxilio que nos tem proporcionado alguns amigos empenhados na propagação dos bons jornaes, que ultimamente nos enviaram algumas assignaturas, cujos nomes em breve publicaremos.

ANNUNCIOS

NOVENA

EM HONRA DA

IMMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA

PELO

REV. PADRE DINIZ

Da Companhia de Jesus

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ

POR

A. J. da S. de Almeida Garrett

Preço—Cada ex. 100 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

3.ª NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Aprovada e indulgenciada pelo

Ex.mo e Rev.mo Sr. D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira, com folhas douradas	500 »
Em chagrin, idem	1\$000 »

PARECER DADO PELO EX.º E REV.º SR. DR. CONEGO COELHO DA SILVA
VIGARIO GERAL DA DIOCESE, SOBRE ESTA OBRA:

«Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

«O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiráveis e não o mais admirável saído das mãos do homem, não é para aqui dizê-lo.

«Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.º Padre Manuel Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfectas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intelligivel para todos.

«As notas, que acompanham os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto».

Assim formulava o meu juizo em 10 d'abril de 1901. Agora nada tenho a acrescentar relativamente a esta 3.ª edição. O esgotamento de duas edições em tão pouco tempo é de per si eloquente.

Porto, 10 d'outubro de 1904.

CONEGO COELHO DA SILVA.

Em vista do parecer junto approvamos esta edição da *Imitação de Christo* e concedemos 50 dias de indulgencia pela leitura de cada capitulo.

Porto, 12 de outubro de 1904.

† ANTONIO, BISPO DO PORTO.

FLORES DO CLAUSTRO
& ARRULHOS DE POMBA

(Vida intima d'uma andaiusa capuchinha)

Traduzida da quinta edição hispanhola

PELO

PADRE MANUEL MARINHO

Aprovada pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. ANTONIO
Bispo do Porto

Preço 200 reis

TUDO POR JESUS

OU

Caminhos faceis do amor divino

PELO

REV. PADRE FREDERICO WILLIAM FABER

SUPERIOR DO ORATORIO DE S. PHILIPPE DE NERY (DE LONDRES)

DOUTOR EM THEOLOGIA

Obra traduzida do inglez para o francez

POR

M. DE BERNHARDT

E D'ESTA LINGUA VERTIDA PARA O PORTUGUEZ

POR

F. PRETO PACHECO

2.ª EDIÇÃO

Com approvaçõ e recommendaçõ do Ex.º e Rev.º Sr.

D. Antonio, Bispo do Porto

Preço, brochado, 600 reis—Encadernado, 800 reis

Vieira-Prégador—Estudo philosophico da eloquencia sagrada, segundo a vida e as obras do grande orador portuguez, pelo Padre Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral, S. J. — Dous grossos volumes 2\$000

O Livro de Todos—Pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., broch. 600

Horas de Piedade, ou orações selectas—Com approvaçõ e recommendaçõ de S. Em.º o Sr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto—11.ª edição coordenada e consideravelmente augmentada—1 vol., enc. 250—edição de luxo 500

Jesus Vivo no Padre—Considerações sobre a excellencia e santidade do Sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.ª edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvaçõ e recommendaçõ dos Prelados portuguezes—Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

A Confissão Sacramental—Pelo Rv.º Mgr. Manuel Marinho—Com approvaçõ do Em.º Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch 250

Bento José Labre—Tributo de respeito no seu primeiro centenario, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvaçõ do Em.º Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol. broch. 400

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da
Picaria, 74—Porto e ás principaes livrarias.

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de fêda e ouro, lisos e lavrados, paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reas. Portuguezas.